



LE GOFF, Jacques e TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

## RESENHA CRÍTICA

*Fernanda de Carvalho Silva<sup>1</sup>*  
*Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)*  
*fernanda.97cs@gmail.com*  
*Apoio SESU/MEC - Programa de Educação Tutorial*

O livro “Uma história do corpo na Idade Média”, escrito pelo historiador e especialista em Idade Média Jacques Le Goff<sup>2</sup> juntamente com o jornalista Nicolas Truong<sup>3</sup>, foi publicado pela editora Civilização Brasileira em 2006. A obra está organizada em quatro capítulos, sendo eles: Quaresma e Carnaval: uma dinâmica do ocidente; Viver e morrer na Idade Média; Civilizar o corpo e O corpo como metáfora. Esta é uma obra que tem o objetivo de retratar o corpo na Idade Média, destarte, destaco a afirmação dos autores: “Por que o corpo na Idade Média? Porque ele constitui uma das grandes lacunas da história, um grande esquecimento do historiador.” (LE GOFF; TRUONG, 2006 p. 9). Através de uma linguagem acessível o livro oferece discussões e reflexões acerca de como o corpo esteve e está tão presente na história das civilizações.

O medievalista Le Goff<sup>2</sup> interagiu com diversas influências, como: André Burguière, Emmanuel Le Roy Ladurie, Georges Duby, Jacques Revel, Michel Vovelle e Philippe Ariès. Além disso, envolveu – se com a escola de Annales, atuou em diversos comitês e conselhos como membro correspondente da *Medieval Academy of America*, recebeu diversos prêmios e títulos na área da história e publicou até o final da sua vida. O jornalista Nicolas Truong<sup>3</sup> é chefe da seção

---

<sup>1</sup>Fernanda de Carvalho Silva é graduanda no curso de Letras e suas Literaturas na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Tem interesse na área de Literatura e psicanálise e em Literatura feminina. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7585446888480896>

<sup>2</sup>Jacques Le Goff foi um historiador e especialista em Idade Média, era membro da escola de Annales.

SILVA; Andréia Cristina Lopes Frazão da. SILVA; Leila Rodrigues da Jacques Le Goff: uma breve biografia, obras publicadas no Brasil e influência no Programa de Estudos Medievais da UFRJ. Rio de Janeiro. 2016. <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair>

<sup>3</sup> Nicolas Truong é um jornalista francês, chefe da seção “Ideias e Debates” do jornal *Le Monde*.



“Ideias - Debates” do jornal *Le Monde* tem diversas publicações como autor e colaborador de obras de grande alcance.

Na Idade Média —época marcada por tensões sociais entre o pecado e a salvação, o bem e o mal— a imposição do cristianismo, o teocentrismo, razão e fé, alma e corpo são modificações sociais profundas que refletem no pensamento do homem até os dias atuais. Esse período da história em que o catolicismo trava um combate com o corpo, tem como resultando um paradoxo qual o corpo é reprimido por um lado e glorificado pelo outro.

Quando os autores discutem que a história foi construída fora do corpo e que o corpo foi excluído da história, afirmam que a história deixou de mostrar as modificações sociais que ocorreram com o corpo. Por isso, eles dizem que é preciso dar corpo a história e uma história ao corpo.

Um dos assuntos mais tocantes é encontrado logo no primeiro capítulo “Quaresma e Carnaval: uma dinâmica do Ocidente”, no qual os escritores pontuam que a vida dos homens da Idade Média oscila entre o carnaval e a quaresma, com base nessa oscilação está o corpo. O corpo é o responsável pelos prazeres e também pelos jejuns e sacrifícios.

Na Idade Média o corpo é, reiteremos, o lugar de um paradoxo. Por um lado, o cristianismo não cessa de reprimi-lo. “O corpo é a abominável roupa da alma”, diz o papa Gregório, o Grande. Por outro, ele é glorificado, sobretudo por meio do corpo padecente de Cristo, sacralizado na Igreja, corpo místico de Cristo. “O corpo é o tabernáculo do Espírito Santo”, diz Paulo. A humanidade cristã repousa tanto sobre o pecado original - transformado na Idade Média em pecado sexual- quanto sobre a encarnação: Cristo se faz homem para redimir os homens de seus pecados. Nas práticas populares, o corpo é contido pela ideologia anticorporal do

cristianismo institucionalizado, mas resiste à sua repressão. (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 35)

Deste modo, o Carnaval simboliza a festa da carne, que é o momento de busca pelos prazeres e a Quaresma, por sua vez, é o tempo de pedir remissão dos pecados da carne. Percebe-se assim que o corpo é o protagonista do processo social que estava ocorrendo na Idade Média.

Outro tocante ao corpo é o sangue. Para o Cristianismo, o sangue sagrado representa Cristo, que morreu por seus filhos, e é celebrado e distribuído durante as missas, o sangue do sacrifício. O sangue também passou a exercer hierarquia social estabelecendo assim o sangue nobre. No mais, o sangue da menstruação era visto como sangue sujo ou sangue ruim, o que levava a igreja a proibir os maridos de ter relações com suas esposas nesses intervalos, pois se elas ficassem grávidas o castigo seria que a criança nascesse com lepra. Todas essas construções feitas a partir do corpo redigiram a moral/condução social na Idade Média, a interferência da Igreja sobre o corpo ditou como os cidadãos deveriam se



comportam socialmente, e em troca desse bom comportamento o que lhes esperava após a sua morte era o reino dos céus.

A visão sobre o corpo da mulher se estabelece entre Eva, a pecadora, e Maria, a que obedece. Essa transição traçada pela Igreja estabelece que o corpo da mulher transita entre o bem e o mal, ainda quando a Igreja transforma o pecado original em pecado sexual muda o olhar para o corpo feminino, a consequência é que a mulher é vista como ser inferior ou, como diz Aristóteles, “um macho defeituoso”.

Adiante, os autores abordam as questões do erotismo animalizado, que era banido pela Igreja, e a figura da criança que antes não aparecia e agora é comparada com o nascimento do pequeno Cristo. Além disso, os anjos passam a representá-las e o batismo passa a ser o símbolo da salvação ou entrada no paraíso. A medicina passa a ser discutida para aliviar os sofrimentos corporais,

“todas as doenças eram somáticas” (p. 108), ou seja, o homem não conseguia separar o corpo do espírito, por isso a relação de alma e corpo estava tão ligada. Com o Cristianismo, a Igreja passa a tomar conta do corpo de seus mortos fazendo suas celebrações para a passagem do plano inferior para o superior.

O nu na Idade Média não era totalmente julgado como pecado pelo Cristianismo, mas era considerado perigoso, pois poderia ser considerado como um sinal de luxúria. A roupa era considerada um escudo de proteção contra esse mal.

O esporte na Idade Média não tem semelhanças com o esporte no mundo antigo “O ‘esporte medieval’ não apresenta nem o caráter de referência à sociedade de organização institucional, nem as condições econômicas que foram as do esporte na Antiguidade, ou quando de seu renascimento, no século XIX” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 149). O esporte passou a fazer parte do processo civilizador do corpo.

O corpo se torna uma metáfora na Idade Média, suas partes são divididas e passam a ser representada através dos membros como: coração, cabeça, fígado e mãos. O coração é o membro que absorve tudo que há de espiritual no homem, a cabeça é o órgão superior, o que rege:

“[...] não apenas Cristo é a cabeça da Igreja, isto é, da sociedade, mas também Deus é a cabeça de Cristo. “Cristo é o chefe de todo marido, mas o chefe da mulher é o marido. E o chefe de Cristo é Deus”, diz Paulo em sua primeira Epístola aos Coríntios (11, 3). A cabeça é assim, de acordo com a fisiologia antiga, o princípio de coesão e de crescimento (Epístola aos Colossenses, 2, 19). (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 159)

O fígado é considerado uma parte pútrida do corpo, pois “o fígado - diz-se igualmente ‘ventre’ ou ‘entranhas’ - é, assim, transferido para um ponto inferior, para abaixo da cintura, ao lado das partes vergonhosas do corpo” (LE GOFF; TRUONG,



2006, p. 160). E por último, as mãos que se constituem como sinal de guia e operadoras da prece, instrumento da penitência e do trabalho. Esse modelo do corpo adotado foi usado para organizar e explicar o funcionamento social.

Não é difícil notar que o corpo fez e faz parte da história das civilizações, a Idade Média debatida por Le Goff e Truong mostra isso claramente, uma sociedade que se construiu moralmente e socialmente através das regras impostas pelo Cristianismo em torno do corpo. Como diz Soares, “some-se a isso, o fato de que o corpo é o espaço onde cada sociedade inscreve os gestos de um aprendizado internalizado durante um determinado tempo histórico. Daí o fato de sua materialidade concentrar e expor códigos, práticas, instrumentos, repressões e liberdades” (2006, p. 109). Desse modo, o corpo carrega a história internalizada, por isso a história está no corpo e o corpo na história, como dizem os autores. É evidente que esta obra é significativa para os estudiosos interessados na relação corpo e história e para graduandos e pós-graduandos do curso de História e Literatura. É possível afirmar que esta obra é um estudo conciso e com fundamentos muito bem articulados. No entanto, a principal característica é demonstrar que o corpo sofre transformações culturais e sociais e que não se consegue pensar história fora dele, pois o corpo é o constituinte principal desta.

## Referências

SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Corpo e História*. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 109-130.

Recebido em: 16/07/2020

Aceito em: 06/08/2020